

## Corpo descobre o tempo nas pulsações do espaço

MARCELLO CASTILHO AVELLAR

Uma das primeiras coisas que um bebê descobre são as possibilidades e limitações de seu corpo: há movimentos simples, movimentos complexos, movimentos que ameaçam a segurança do organismo, movimentos que podem ser pensados mas não realizados. A dança, de certa forma, é o ato de superar estas possibilidades: as limitações de caráter físico — configuração da musculatura, do esqueleto, das articulações — são ultrapassadas quando se atribui uma significação ao movimento. "21", nova coreografia de Rodrigo Pederneiras para o Grupo Corpo, é uma espécie de dicionário desta superação: todos os seus movimentos parecem ou extremos ou impossíveis. Mas o espectador os vê — e ao encarar a realização do impossível, descobre a possibilidade de avançar sobre seus próprios limites.

Fica, então, a pergunta: onde se esconde o segredo da significação na dança? A resposta é óbvia: na articulação do espaço no tempo. Para realizar "21", Pederneiras precisou descobrir a essência do tempo. A música de Marco Antônio Guimarães interpretada pelo Grupo Uakti ajuda: são intermináveis combinações do número 21, que organizam de maneira nítida o tempo. O número é um padrão; as possibilidades dentro dele são ilimitadas. A repetição nunca é mais do que aparente, em arte uma coisa pode se transformar em si mesma de infinitas maneiras.

Voltemos à pergunta: onde se esconde o segredo da significação na dança? Na mais óbvia articulação entre o espaço e o tempo, as grandezas que a física chama "velocidade" e "aceleração" — em arte, são apelidadas de ritmo; nas artes cênicas, significam a ordem com que um corpo (espaço) organiza o tempo. Não compreendemos um espetáculo de dança, teatro ou circo por suas palavras ou gestos, mas pelo ritmo com que nos atingem. Há impossibilidades físicas: aceleração instantânea, por exemplo — ao assistir a "21", os espectadores vão jurar que ela é possível, os corpos parados dos bailarinos subitamente adquirem movimento; impossível também é o surgimento de uma grandeza qualquer a partir de pedaços de nada — em "21", a sequência de posturas estáticas gera movimento, na passagem mais deslumbrante de toda a peça.

Novamente, a significação. Está em *leitmotifs* (motivos condutores) que se repetem ao longo de toda a peça. 21 batidas, como se fossem relógios. *Haikais* com três agrupamentos de sete sonoridades. Pulsações que somam compassos de 6, 5, 4, 3, 2 e 1 tempos ( $6 + 5 + 4 + 3 + 2 + 1 = 21$ , qualquer livro de matemática diz, o Corpo prova que é igual a infinitas coisas diferentes). Movimentos pendulares dos braços, um no dobro da velocidade do outro, em velocidades iguais ou distintas para cada bailarino. A relação entre o número de artistas em pé. Corpos inteiros transformados em pêndulos invertidos. Alternâncias entre a ordem e o caos — a primeira surgindo instantaneamente

do segundo quando parece impossível haver uma solução harmônica. A consciência não percebe estas estruturas, mas o inconsciente as absorve e utiliza para organizar o que vê.

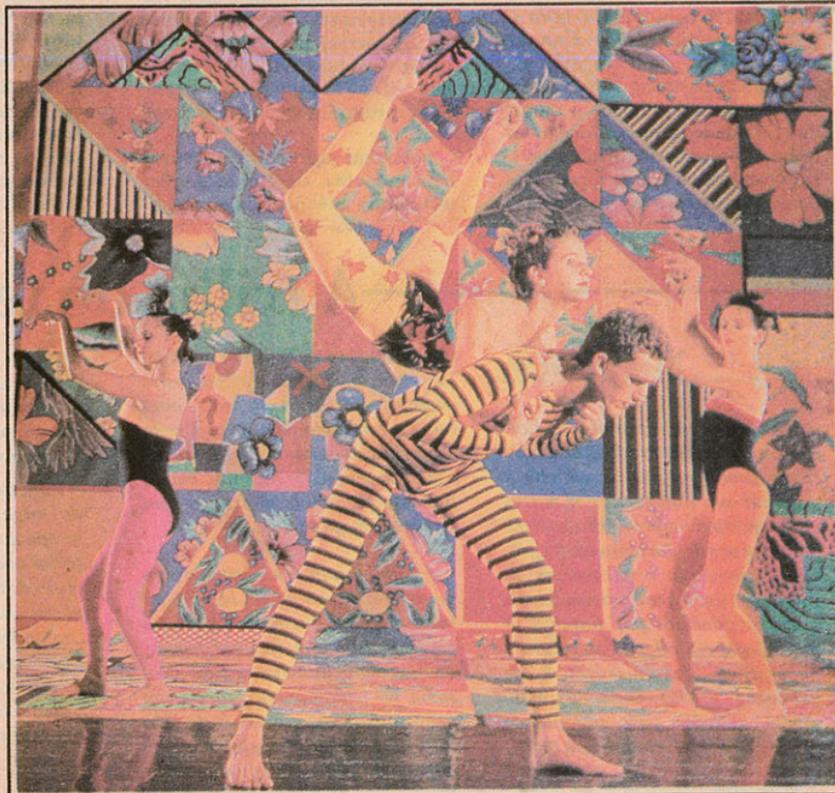
Mais significações ocultas no tempo: o caos é assíncrono, o tempo em estado bruto, primitivo; a ordem pressupõe a existência de qualquer tipo de sincronia. "21" é selvagem por causa deste conflito. Se a arte afirma que o tempo não é uma grandeza física, mas psicológica, a instauração da sincronia inaugura também o ser humano e a civilização: é o homem que, ao perceber o tempo, o constrói.

Com tudo isto, "21" alterna a barbárie e a humanidade — talvez valesse à pena rever outro balé de Pederneiras, "A Criação", uma paródia à história da passagem do caos à ordem, a impossibilidade de compreender o universo sem a presença do homem, o homem concedendo significação à realidade — novamente, a história do bebê, o movimento e a dança. Rodrigo Pederneiras, ao nos contar a mesma história de um novo ângulo, faz com que ela aconteça outra vez. "21" é um mito, faz com que o espectador enxergue de relance suas origens. A própria coreografia brinca com isso: ao final da passagem de movimentos lentos, parece que tudo vai voltar ao início. E nos descobrimos desejando este retorno, querendo a história outra vez. Em êxtase, como hipnotizados. Como homens primitivos a observar, em torno de uma fogueira, uma dança ritual. Fascinados com a velocidade, a lentidão, o caos, a ordem, as cores, descobrindo a mágica que se esconde por trás da aparência e inventando o mundo a partir da violenta expressão que nos atinge os sentidos.

*P.S. — Sobre a reapresentação de "Variações Enigma": senhores espectadores, reparem como os bailarinos parecem estar morrendo de vontade de rir a maior parte do tempo. Não precisam olhar com a seriedade com que a herança ocidental nos ensinou a encarar a arte, podem rir, é tudo uma grande brincadeira, dos falsos climaxes cortados bruscamente às élficas orelhas pontudas de Bernardo Gama no final, passando pelas explosões românticas, os "tutus", os bailarinos transformados em cenário em diversas passagens, os gestos, a roupa viuvesca vestida por Macau. Tampouco tenham inibições quanto a se emocionar durante o "pas de deux": é uma das mais belas passagens da história da dança brasileira, sublime, perfeito, arrebatador; daquelas coisas que dão vontade de rir e chorar ao mesmo tempo, de acreditar que é possível ser feliz.*

• Grupo Corpo — Apresentação de "21" (música de Marco Antônio Guimarães) e "Variações Enigma" (Edward Elgar). Coreografias de Rodrigo Pederneiras. Cenários de Fernando Velloso. Figurinos de Freusa Zechmeister. Iluminação de Paulo Pederneiras. O espetáculo fica em cartaz até domingo, sempre às 21h, no Grande Teatro do Palácio das Artes.

José Luiz Pederneiras



Corpo em cena: um espetáculo emocionante reinventa a dança moderna